

Espaço da identidade: a relação entre espaço e personagens em *Cinzas do Norte e Órfãos do Eldorado* de Milton Hatoum

Doutoranda Fernanda Boarin Boechat (UFPR)

Resumo:

No presente trabalho, propõe-se a análise do espaço literário nas obras Cinzas do Norte (2005) e Órfãos do Eldorado (2008), de Milton Hatoum, segundo uma perspectiva que o toma como espaço da identidade. O espaço da identidade é compreendido como uma dimensão formal do espaço em literatura, que revela processos de identificação das personagens. Nesse sentido, procura-se expor, a partir de uma perspectiva antropológica ampla que considera os Estudos Literários em diálogo com outras áreas do saber, uma reflexão que se volta para a noção de identidade, em especial na sociedade contemporânea. Em um segundo momento, expõe-se uma reflexão sobre o estudo do espaço em literatura, em diálogo com outras áreas do saber. Segue, então, uma breve análise do espaço literário nas obras, que remete indiretamente à discussão teórica exposta, de modo que a configuração espacial dos romances relaciona-se, como que por si mesma, aos apontamentos teóricos anteriores. Propõe-se, na conclusão, uma abordagem da configuração espacial no âmbito dos Estudos Literários como elemento revelador de processos de identificação, o que reafirma um poder teorizador presente na literatura e, dessa maneira, o papel relevante dos Estudos Literários em debates com outras disciplinas.

Palavras-chave: Milton Hatoum, espaço literário, identidade.

1 Introdução

No presente artigo pretendemos expor de forma sucinta a pesquisa de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná em julho de 2011, sob o título “Espaço da identidade: a relação entre espaço e personagens em *Cinzas do Norte* e *Órfãos do Eldorado* de Milton Hatoum”¹. Para tanto, apresentaremos primeiramente a nossa compreensão sobre a produção literária existente e sobre a presença da literatura no espaço público. Em seguida, mostraremos o caminho percorrido durante a pesquisa que se voltou à discussão teórica. Por fim, tem-se ainda no presente artigo uma breve exposição das análises feitas dos dois romances de Milton Hatoum, que se concentrou na configuração espacial das obras *Cinzas do Norte* (2005) e *Órfãos do Eldorado* (2008).

Entendemos que todos desempenhamos um papel em uma comunidade como sujeitos e então estabelecemos juntos uma comunidade discursiva. O discursivo aqui, que caracteriza essa comunidade, é visto como interlocução que se estabelece entre os sujeitos, como comunicação e ação partilhada entre os sujeitos que os conduz a questionamentos. Esses questionamentos, de ordem amplamente diversa, variam nas diversas comunidades discursivas, situadas em tempo e espaço específicos. Quando tratamos do discurso literário, lidamos com o produto de uma comunidade discursiva. Tratamos de um produto que também integra essa comunidade discursiva enquanto voz que se manifesta sobre ela e seus temas; não como algo isolado dessa comunidade ou como um objeto em vias

¹ BOECHAT, Fernanda Boarin. **Espaço da identidade: a relação entre espaço e personagens em Cinzas do Norte e Órfãos do Eldorado de Milton Hatoum**. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 2011. 125 p.

solipsistas, mas sim, como voz ativa de um sujeito integrante de uma comunidade, que fala da mesma e para a mesma. Além disso, esse produto literário, mesmo que possa ser observado como um objeto que fala de si, estabelece também um diálogo com outros textos e com outros discursos e comunidades discursivas, trazendo à tona exposições sobre outros assuntos, desencadeando uma teia de associações diversas. O discurso literário não se encerra em si mesmo, ele é a chave para o elo com outros universos discursivos, com reflexões mais amplas; ele é visto aqui como uma ponte que proporciona àquele que lê a possibilidade de uma visão de mundo cada vez mais ampla, que abre portas ao pensamento crítico dos sujeitos que integram uma determinada comunidade. Ao entendermos que a literatura possui tal privilégio, acreditamos também que a fomentação da prática literária em uma comunidade colabora para uma formação mais completa dos sujeitos para vida, ela nos incita a imaginar a realidade sob outros ângulos, de modo que possamos conceber o mundo e organizá-lo de uma forma melhor.

Pretendemos, nesse sentido, ao observar as obras *Cinzas do Norte* e *Órfãos do Eldorado* do escritor manauense Milton Hatoum, tratá-las antes de tudo como "plasticidade humana" (ISER, 1996, p.8), que estabelece, por conseguinte, uma ligação direta com o humano, já que a literatura proporciona "(...) a abertura para o grande debate de idéias do qual participa todo conhecimento do homem" (TODOROV, 2009, p.89)². É ainda, nesse sentido, que vale mencionar o que o romanista e teórico da literatura Ottmar Ette (2005) chama de *ÜberLebenswissen* algo que, segundo o autor, é próprio da literatura. Para Ette (2005), vida e literatura não se separam,

[sie] sind aufs Engste so aufeinander bezogen, dass sie Ängste auslösen, die Literatur könnte – wie in Jorge Luis Borges' *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius* – unmittelbar ins Leben eindringen und dieses verändern (ETTE, 2005, p. 231)³

Ette (ETTE, 2005, p. 237) ainda aponta "que para se contar uma história é preciso sobreviver a ela" e tem isso em mente tanto em sentido físico quanto narratológico. O teórico, então, aproxima a literatura da vida e propõe que a literatura é por conseguinte um **saber sobre a vida** ou ainda **saber sobreviver**. Entendemos, nesse sentido, que o conceito *ÜberLebenswissen* juntamente com o uso do verbo *überleben* (sobreviver)⁴, leva-nos a uma dimensão maior da reflexão do teórico: a que defende que a literatura deve ser posta na grande discussão entre as áreas de conhecimento e não mais ser vista apenas como um adorno cultural. Compreendemos – segundo a leitura da obra de Ette (2005) – que, a partir do momento que se reconhece na literatura um sentido tão físico quanto narratológico, e então se agrega a ela um **saber sobre a vida** ou um **saber sobreviver**, torna-se possível

² É relevante mencionar que o filósofo e linguista búlgaro Tzvetan Todorov foi um dos grandes teóricos e difusores do Estruturalismo, desenvolvido especialmente na França. Curiosamente, Todorov, que no âmbito da Teoria da Literatura se destacou mundialmente como um dos grandes propagadores do pensamento formalista, questiona, em *A literatura em perigo*, o papel que os Estudos Literários assumiu após ter sido influenciado por anos pelos estudos formalistas e estruturalistas, afirmando claramente, em tal publicação, que a busca dos estruturalistas pela imanência da obra colaborou para que a literatura fosse afastada de qualquer relação que ela poderia estabelecer com o mundo, com a vida real.

³ [elas] se referem, do modo mais estreito, uma sobre a outra, desencadeando medos a literatura poderia – como no conto "Tlön, Uqbar, Orbis Tertius" de Jorge Luis Borges – invadir diretamente a vida e modificá-la. (Tradução minha)

⁴ A superposição do conceito de "saber sobre a vida" ou "ciência da vida", *Lebenswissen*, ao vocábulo *Überleben*, "sobreviver", potencializa os significados do título proposto por Ette, tanto mais pela intercalação de maiúsculas que chamam atenção do leitor para as ambiguidades.

inseri-la em um debate maior, no espaço público e no ambiente acadêmico em especial.

É nessa compreensão a respeito da produção literária existente que sustentamos a proposta para o desenvolvimento da nossa pesquisa; pretendemos aproximar as obras analisadas de questões que fazem parte da nossa realidade, dialogando também com discussões presentes em outras disciplinas – aqui em especial a Sociologia, a Antropologia, a História e os Estudos Culturais. Esse diálogo, ademais, revela, segundo nossa perspectiva, um poder teorizador presente na produção literária, um teoria difusa, que não pretende sê-la, mas que pode suscitar questionamentos diversos e então configurar alguma forma de saber.

Partindo desta compreensão, expomos, em tal pesquisa de mestrado, primeiramente textos e considerações próprias de natureza teórica que tratam da noção de identidade, especialmente na contemporaneidade, e do espaço (sobretudo literário), de modo que pudemos definir o que chamamos de espaço da identidade das personagens, um espaço que, em outras palavras, pode ser observado como revelador de processos de identificação. Assim, procuramos apontar para reflexões teóricas que cumpriram um papel de interlocutoras em nossa proposta de pesquisa, que podem, inclusive, concretizar a teoria difusa que acreditamos existir nos objetos literários contemplados.

2 Os Estudos Literários e outras áreas do saber

Para que pudéssemos tratar o espaço literário como um espaço da identidade, procuramos tratar a produção literária segundo uma perspectiva antropológica ampla; uma perspectiva voltada ao âmbito dos Estudos Literários, mas que trata a pesquisa e a análise do objeto literário sem o separar em partes isoladas ou o coloque à parte das discussões com outras áreas do saber.

Para tanto, no recorte de natureza teórica dedicado ao espaço literário, procuramos privilegiar pesquisadores que trataram o assunto não de modo isolado, independente de outros submecanismos que configuram a obra, mas que o trataram considerando sua relação, por exemplo, com as personagens, com a voz narrativa, com o tempo, entre outras. Nesse sentido, destacamos teóricos que superaram a dicotomia realidade/ficção, na qual grande parte das correntes intelectuais da Teoria da Literatura basearam as suas considerações, em especial os estudos de Wolfgang Iser, em *O fictício e o imaginário* (ISER, 1996), publicado pela primeira vez em 1991, parte da reflexão do professor, ficcionista e ensaísta Luis Alberto Brandão, em dois artigos (2005; 2007) e especialmente em *Grafiyas da Identidade – literatura contemporânea e imaginário nacional* (2007) e do romanista e teórico da literatura alemão Ottmar Ette, já mencionado no presente artigo, em *ZwischenWeltenSchreiben – Literaturen ohne festen Wohnsitz* (2005). Outros teóricos no âmbito dos Estudos Literários – Ricardo Gullón, em *Espacio y Novela* (1980), Osman Lins, em *Lima Barreto e o espaço romanesco* (1976) e Gaston Bachelard, em *A poética do Espaço* (2008) – foram também nossos interlocutores nesse momento de discussão sobre a abordagem de estudo do espaço. Ainda nesse momento, expusemos reflexões de teóricos de outras áreas de conhecimento que também trataram da reflexão sobre espaço, como Aleida Assmann em *Erinnerungsräume – Formen und Wandlungen des kulturellen Gedächtnisses* (1999) e Marc Augé em *Não-lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade* (1994), que trataram, respectivamente, o espaço e sua relação com a memória e o espaço no contexto histórico atual.

O espaço da identidade das personagens, já destacado no título da pesquisa, foi tratado como uma dimensão do espaço literário, sendo este, portanto, elemento formal onde se evidenciam processos de identificação das personagens; trata-se aqui de um espaço carregado de significação, um cenário que se manifesta através da linguagem literária e revela questionamentos sobre a noção de identidade por meio de situações humanas vividas pelas personagens. Essa problematização acerca da noção de identidade, ademais, que acreditamos presente tanto em *Cinzas do Norte* como em *Órfãos do Eldorado*, está claramente inserida no momento histórico atual, o que nos fez tratar não somente da noção de identidade vista de modo abrangente, mas sim da noção de identidade em vista do contexto contemporâneo, no qual os romances vêm a público.

Para falar sobre a noção de identidade, se fez necessário tratar primeiramente das noções de cultura e de nação, já que a ideia de identidade individual só existe em relação com a ideia de identidade coletiva. Para que discutíssemos a ideia de identidade na contemporaneidade tivemos como interlocutores autores da Sociologia, Antropologia e História, como Terry Eagleton, em *A idéia de cultura* (2005), Benedict Anderson, em *Comunidades Imaginadas* (2008), Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), Homi Bhabha, em *O local da cultura* (2007), e Zygmunt Bauman, em *Identidade* (2005).

Compreendemos que a noção de identidade não é estável e, à medida que as noções de nação e cultura atrelados a ela são também problematizados, o processo de identificação se intensifica. Isso se evidencia na contemporaneidade, quando as fronteiras tradicionais começam a mudar, quando o processo de globalização proporciona um maior contato entre as culturas, evidenciando-se a hibridez sempre nelas presente, a opacidade que as caracteriza e a falta de fixidez e de unidade estável. Tais aspectos, que evidenciam a noção de identidade como um processo de identificação atrelado às noções de cultura e nação, parecem-nos ser claramente identificáveis na narrativa dos romances analisados na presente pesquisa, de modo que os deslocamentos das personagens analisados revelam não só questões que dizem respeito a processos de identificação individuais, mas também suscitam questões de cunho regional e nacional.

2 Cinzas do Eldorado e Órfãos do Norte

Após apresentarmos brevemente o desenvolvimento de natureza teórica, nos concentramos, em *Cinzas do Norte*, na personagem Mundo, e observamos como os processos de identificação da personagem estão intimamente ligados às relações humanas em meio a partilha de um espaço comum, seja com outras personagens ou com o próprio contexto histórico da narrativa.

A epígrafe de *Cinzas do Norte*, “Sou donde nasci. Sou de outros lugares”, de Guimarães Rosa, antecipa os deslocamentos geográficos que serão vividos pelas personagens, em especial a personagem Mundo, que foi nosso foco de análise. Esse deslocamento, não nos parece em vão, ele revela questionamentos sobre processos de identificação, abarcando também discussões em torno da ideia de cultura e nação no contexto histórico atual.

Para demonstrar que o deslocamento da personagem Mundo se vincula às relações estabelecidas por ele em meio à partilha de um espaço comum, procuramos observar mais extensamente a relação da personagem com três outras: Alícia, Jano e Arana. Outras

relações bastante significativas que observamos no trabalho de pesquisa são a relação de Mundo com Ranulfo, personagem que sempre o protegeu e o admirou, e a relação com Lavo, seu melhor amigo e aquele que, ao contrário de Mundo, nunca pretendeu deixar Manaus, também sua terra natal.

A mãe de Mundo, Alícia, é seu refúgio, como menciona a personagem narrador Lavo, em contraposição a figura opressora do pai, Jano. Arana, “o artista da Ilha”, exerce influência para que Mundo se identifique pela primeira vez com sua terra natal, por meio da arte e, após ser visto como impostor, também motiva Mundo a querer deixar Manaus para sempre.

É ainda interessante observar, que as figuras que oprimem Mundo sempre mantêm alguma ligação com o momento histórico da narrativa, a ditadura militar. Jano, a personagem com quem Mundo tem a maior dificuldade em se relacionar, mantém estreita relação com os militares do poder, de modo que essa empatia com o governo da época o auxilia nos negócios e até mesmo nas medidas que toma contra a postura avessa do filho, como quando decide mandar Mundo para o colégio militar, acreditando que só assim, com uma educação militar, poderia dar um jeito na figura avessa do filho.

A dificuldade de Mundo em se relacionar com Arana, ademais, também vem permeada por esse contexto histórico. Pois a personagem, que insiste em se afirmar como um artista da região, que exalta a natureza, valoriza e protege a cultura do lugar, na verdade acaba se mostrando um sujeito preocupado apenas consigo mesmo e capaz de tudo para se dar bem e não ser incomodado pelos militares. Tais conclusões são tiradas por Mundo quando, por exemplo, ele presencia Arana se aproveitando da exploração sexual de meninas de ascendência indígena, quando o artista usa ossos de um cemitério indígena para fazer obras de arte sem preocupação alguma ou qualquer autorização ou ainda quando explora a natureza para vender produtos aos turistas que vêm a Manaus.

A revolta de Mundo contra a ditadura, já que não suporta a obediência⁵, será demonstrada pela personagem claramente quando temos a narrativa do episódio sobre o Campo de Cruzes, quando Mundo, junto a Ranulfo, protesta através de sua arte contra a morte injusta do amigo Cará no treinamento do colégio militar e também contra o alojamento das pessoas no Novo Eldorado em condições tão precárias. Essa revolta será ainda retomada mais uma vez na narrativa quando no Rio, já após a morte do pai, Mundo é preso em uma manifestação contra a censura.

Também a dúvida a respeito da paternidade de Mundo, insinuada ao longo do romance e retomada no final da narrativa, relaciona-se a processos de identificação. Mundo, que sempre procurou resolver sua relação com Jano, manteve, porém, uma relação paterna e de empatia com Ranulfo ao longo da vida, mas acaba, já no final da narrativa, sabendo que é filho biológico de Arana. Parece-nos que essa fragmentação da figura paterna, retomada no final do romance, colabora ainda mais para enfatizar a fragmentação do sujeito e a instabilidade de Mundo quanto a sua identidade.

O processo de identificação problemático que vive a personagem Mundo pode ser

⁵ Vale aqui retomar a frase de Mundo “Ou a obediência estúpida, ou a revolta”, enviada a Lavo em um cartão postal na época em que vivia em Londres. HATOUM, M. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 10.

visto de maneira mais ampla, como representação da problematização da noção de identidade no mundo contemporâneo. Procuramos justificar tal argumento através dos próprios deslocamentos de Mundo, da escolha de seus destinos, e da posição de prestígio sociopolítico e cultural de alguns lugares em relação a outros, como o Rio de Janeiro em face de Manaus, Berlim Ocidental e Londres com relação às cidades brasileiras.

Na análise de *Órfãos do Eldorado* nos concentramos na personagem Arminto Cordovil e na sua relação com algumas localidades – Vila Bela, o palácio branco, Manaus, Belém, a fazenda Boa Vida e a Cidade Encantada. Para analisarmos a relação da personagem-narrador com tais localizações, também significativa para a caracterização da partilha de espaços comuns e valoração dos convívios, observamos em especial a relação de Arminto com o pai, Amando Cordovil, Florita – empregada da casa e quem o criou desde bebê – e Dinaura – a mulher por quem ele se apaixona após a morte do pai.

A figura paterna, assim como em *Cinzas do Norte*, representa para Arminto a opressão e lhe impõe grandes dificuldades de relacionamento. Em meio a esse processo difícil de identificação com o pai, Arminto encontra, segundo a nossa perspectiva, o principal motivador para seu deslocamento geográfico, em busca de um lugar melhor para viver e onde pudesse encontrar a felicidade.

A figura materna, cumprida pela personagem Florita, proporciona conforto a Arminto no palácio branco e parece influenciar positivamente a sua relação com a cidade natal, Vila Bela. É interessante notar que, assim como em *Cinzas do Norte*, a figura paterna representa a dificuldade, a impossibilidade de uma identificação, e a figura materna representa o refúgio, o acolhimento, a identificação.

Vale observarmos ainda que o único lugar onde Arminto pensa poder encontrar a felicidade é a Cidade Encantada, um mito amazônico, que ademais designa o paradeiro de Dinaura, seu grande amor. Esse contexto mítico e misterioso, que representa um lugar perfeito e de felicidade é um lugar inexistente no mundo da vida, mas, por outro lado, compõe um imaginário regional, muito bem representado pelo desejo de Arminto, que associa ao mito a possibilidade de viver a felicidade ao lado de Dinaura. Esse contexto mítico, além disso, que vai se valorizando ao longo da narrativa, pode ser observado em contraposição ao contexto histórico do país, especialmente após a morte de Amando, já que diante da crise econômica no pós Primeira Guerra e também do naufrágio do navio da família, o *Eldorado*, tem-se a ruína econômica da família Cordovil e, então, do único herdeiro Arminto.

Também em *Órfãos do Eldorado* se figura a dúvida sobre a paternidade, não de Arminto, mas de Dinaura. A dúvida que permanece sobre Dinaura ser ou não filha de Amando tem uma dimensão maior na narrativa, já que influencia diretamente a única chance de felicidade que Arminto acredita ter. O grande amor de Arminto, Dinaura, que pode ser entendido como representação de sua única possibilidade de felicidade, torna-se, com a dúvida quanto a ser irmã dele, ainda mais mítico e misterioso, assim como a lenda da Cidade Encantada.

Se por um lado, é possível encontrar muitos pontos de convergência entre os dois romances – como a relação problemática entre pai e filho, problemas sociais e econômicos ligados aos contextos histórico e social da região, a busca de certas personagens por um lugar onde se encontraria a realização, entre outros – é possível também encontrar uma

grande divergência: enquanto em *Cinzas do Norte* Hatoum explora as possibilidades de se encontrar um novo lugar e também a possibilidade de inclusive se aderir a vários lugares, em *Órfãos do Eldorado*, o autor explora, contudo, a impossibilidade de encontrá-lo. Isso se evidencia já nas epígrafes das obras: a de *Cinzas do Norte*, que aponta para esse trânsito (“Sou donde eu nasci. Sou de outros lugares”, de Guimarães Rosa) e a de *Órfãos do Eldorado* (o poema “A Cidade”, de Konstantinos Kaváfis), que aponta para as ruínas que foram dissipadas na terra inteira, mensagem que ganha força, ademais, quando o poema é incorporado à narrativa.

3 Conclusão – para além da narrativa

Ao longo da dissertação, aqui brevemente apresentada em forma de artigo, apresentamos primeiramente textos e considerações próprias de natureza teórica que tratam da noção de identidade, especialmente na contemporaneidade, e do espaço (sobretudo literário), de modo que pudemos definir o que chamamos de espaço da identidade das personagens, um espaço que, em outras palavras, pode ser observado como revelador de processos de identificação. Assim, nos dois primeiros capítulos do referido trabalho, procuramos apontar para reflexões que cumpriram um papel de interlocutoras em nossa proposta de pesquisa, que podem, inclusive, concretizar a teoria difusa que acreditamos existir nos objetos literários contemplados; mais uma vez, não procuramos fazer uma exposição de natureza teórica com a finalidade de legitimar uma verdade latente nas obras, ou um ponto de vista já pré-concebido, mas sim de modo que pudéssemos demonstrar, com a apresentação posterior das análises das obras, em que medida essa teoria pode ser identificada nos objetos literários, em que medida os apontamentos teóricos anteriores estabelecem uma interlocução com essas obras, e, então, em que medida é possível reafirmar o papel da literatura em uma discussão que não se encerra no âmbito dos Estudos Literários.

Acreditamos, também nesse sentido, ser possível apontar a literatura como *medium* para questões que a teoria ainda não conseguiu concretizar ou explicar, de modo que algo apontado pela teoria como incerto pode ser reconhecido concretamente em um objeto literário, como, no caso das obras analisadas, a própria idéia de opacidade da cultura, ou ainda novas configurações da noção de cultura e de nação no mundo globalizado, questões debatidas exaustivamente no momento atual sobretudo por teóricos das Ciências Sociais e da História.

Para que pudéssemos tratar o espaço literário como um espaço da identidade, procuramos tratar a produção literária segundo uma perspectiva antropológica ampla; uma perspectiva voltada ao âmbito dos Estudos Literários, mas que trata a pesquisa e a análise do objeto literário sem o separar em partes isoladas ou o coloque à parte das discussões com outras áreas do saber. Nesse sentido, procuramos privilegiar pesquisadores que trataram o assunto não de modo isolado, independente de outros submecanismos que configuram a obra, mas que o trataram considerando sua relação, por exemplo, com as personagens, com a voz narrativa, com o tempo, entre outras. Ainda nesse momento voltado à teoria, contemplamos autores de outras áreas de conhecimento, como Aleida Assmann e Marc Augé, que trataram, por exemplo, o espaço e sua relação com a memória e com o contexto histórico atual.

Após procurarmos desenvolver uma análise do espaço literário em diálogo com outras áreas do conhecimento, ressaltando e procurando demonstrar como a literatura se insere em um amplo debate composto por diferentes áreas de conhecimento, vale ainda mencionar a obra *Introdução a uma poética da diversidade* (2005) de Édouard Glissant.

Em tal obra, o autor aponta para o anseio de uma presença mais efetiva da literatura nos debates que envolvem outras áreas de conhecimento. Glissant insiste na revalorização do papel do escritor, e então da literatura, no amplo debate sobre o conhecimento do mundo, que aqui se volta ao que ele chama de “poética da Relação”, uma poética que, através da própria produção literária, levanta questionamentos e problematizações sobre esse novo momento que se evidencia na contemporaneidade.

Compreendemos que a literatura é um *medium* privilegiado, que, assim como as demais artes, é capaz de oferecer uma auto-interpretação do homem, pela plasticidade que abarca a experiência humana. Como afirma Luis Brandão (BRANDÃO, 2005, p. 11), está em questão na literatura “(...) o processo imaginário de conceber as limitações e as potencialidades de tal experiência, e a transformação desse processo em obras, ou seja, a concretização do imaginário por meio da ficção.”

Por fim, este imaginário, que atua nos textos literários, mesmo que não seja capaz de concretizar novas realidades, é capaz, à medida que se faz presente na leitura e no debate e reflexão que daí decorre, de concretizar e ampliar o imaginário coletivo materialmente dado nos textos; como tal, talvez seja capaz, também, de codeterminar o agir das pessoas e coletividades no mundo da vida

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ASSMANN, Aleida. **Erinnerungsräume – Formen und Wandlungen des kulturellen Gedächtnisses**. München: C.H. Beck München, 1999.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BOECHAT, Fernanda Boarin. **Espaço da identidade: a relação entre espaço e personagens em Cinzas do Norte e Órfãos do Eldorado de Milton Hatoum**. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 2011. 125 p.

BRANDÃO, Luis Alberto. Breve história do espaço na teoria da literatura. In: **Cerrados, revista do programa de pós-graduação em Literatura**. UnB, n.19, ano 14, 2005: 115-133.

_____. Espaços literários e suas expansões. In: **Aletria, revista de estudos de**

literatura. UFMG, n.15, jan./jun, ano 2007: 207-220.

_____. **Grafias da Identidade – literatura contemporânea e imaginário nacional.** Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Lamparina, 2005.

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura.** Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2005.

ETTE, Ottmar. **ZwischenWeltenSchreiben: Literaturen ohne festen Wohnsitz.** Berlim: Kulturverlag Kadmos, 2005.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade.** Trad. Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

GULLÓN, Ricardo. **Espacio y Novela.** Barcelona: Antoni Bosch, 1980.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HATOUM, Milton. **Cinzas do Norte.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Órfãos do Eldorado.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário.** Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco.** São Paulo: Ática, 1976.

TODOROV, Tzvetan. **Literatura em perigo.** Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.